

Economia - Brasil

É preciso pôr os pés no chão

GAZETA MERCANTIL

08 AGO 1986

Herbert Levy *

Uma vítima altamente qualificada da política deflacionária adotada para assegurar a estabilidade do real foi o banqueiro, industrial e agricultor Olacyr de Moraes, que dirige os seus negócios com visão de estadista. Ele foi obrigado a fundir o seu Banco Itamarati com o BCN. É o maior produtor de soja do País, e para escoá-la construiu um ramal ferroviário de 120 quilômetros em Mato Grosso, comportando-se não como um produtor, mas como um estadista.

Em meio às dificuldades que a política econômica lhe criou, ele vem declarar que em hipótese alguma sacrificará a pro-

dução de soja. É preciso tirar o chapéu a um empresário desse porte.

Coroando a fase de dificuldades que atingiu a economia, a Gazeta Mercantil de 5 do corrente informou que as fusões de bancos e indústrias de alimentos, segundo levantamento da KPMG Corporate Finance, em julho último, atingiram uma por dia.

Dando a medida de suas preocupações com o setor rural, o governo determinou ao Banco do Brasil a renovação dos créditos de emergência concedidos à área e essa renovação atingiu 91% do total, dando à economia agrícola uma pausa para respirar.

Mas os juros e a taxa de câmbio precisam de toda a atenção do governo para cortar as dificul-

dades que estão causando. É bem verdade que chegamos a ter há alguns meses taxas de juros bancários superiores a 100% ao ano, como vieram a público denun-

ciar os advogados da Usina Santa Lydia, de Ribeirão Preto. E no comércio de vendas a prazo as taxas chegaram a cerca de 400% ao ano, inéditas em qualquer país civilizado.

Mas ainda agora o Banco Central mantém a taxa do overnight em 2,70% no setor bancário. Isso corresponde a pouco mais de 32% a.a. nas transações bancárias correntes. É ainda uma taxa inaceitável, que não ajuda a recompor a devastação



que a inadimplência trouxe à economia. Essa matéria exige a atenção do governo para que os tímidos sinais de recuperação, inclusive no desemprego, possam ser

encorajados, como reclamam os interesses do País.

Quando chegamos à taxa de câmbio, deparamos com um quadro verdadeiramente preocupante e sem precedentes. Em vez de um pequeno saldo na balança comercial, como previsto em vários meios governamentais, para amenizar o problema, o ano deve encerrar-se com um déficit de US\$ 1 bilhão a US\$ 2 bilhões na balança.

No passado, sempre tiramos daí os recursos pa-

ra remessas de juros e dividendos dos capitais externos aqui aplicados, bem como para o serviço de juros da dívida externa. Os saldos positivos nunca foram abaixo de US\$ 10 bilhões por mês, e muitas vezes ultrapassavam US\$ 20 bilhões.

Certos meios dirigentes mostram-se tranqüilos quanto à situação cambial, mostrando que a última fuga de dólares foi contida eficazmente pelo Banco Central e continuamos com reservas tranqüilas, ao redor de US\$ 60 bilhões.

Mas essas reservas são produto do dinheiro quente, que só fica no País enquanto a remuneração for satisfatória. E com as taxas de juros que ainda prevalecem, ela é plenamente satisfatória,

não há igual no mundo civilizado.

E depois? Quando as taxas de juros voltarem ao padrão internacional e desestimularem a especulação financeira, e esse capital for sendo repatriado, de onde sairão os recursos?

É pena que o País tenha que enfrentar esse tipo de crise quando a reconhecida integridade do presidente e do governo são a condição indispensável

Mais do que nunca, é preciso agir e enfrentar a fuga de capital especulativo

Mais do que

nunca, é preciso agir e enfrentar a fuga de capital especulativo

Mais do que nunca, é preciso pôr os pés no chão e agir para enfrentar adequadamente a fuga do capital especulativo e a crise que nos ameaçam. ■

* Presidente do conselho de administração da Gazeta Mercantil.